
Saúde, Alimentação e Comunicação: caminhos de pesquisa¹

Denise Corrêa Barcelos²

Larissa Leda F. Rocha³

Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Imperatriz

Resumo

O presente trabalho discute os desafios metodológicos em pesquisa de Comunicação, com enfoque nos objetos complexos de Saúde e Alimentação. Objetiva-se aprofundar o uso da metodologia do Paradigma Indiciário, de Ginzburg (1989) e Courtine (2021), como alternativa para análises mais profundas. A abordagem metodológica foca na decifração de sinais e indícios aparentemente marginais, mas reveladores, presentes em expressões visuais e discursivas. Em diálogo com autores da área de Comunicação e Saúde, as contribuições esperadas incluem a promoção de um aprofundamento interdisciplinar, o enriquecimento dos objetos de estudo e a possibilidade de gerar novas teorias, conferindo maior autonomia à pesquisa comunicacional frente às áreas monotéticas.

Palavra-chave: Saúde; alimentação; comunicação; metodologia.

Considerações iniciais

O ato de fazer pesquisa no campo das humanidades, mais especificamente em Comunicação, como há muito se discute na literatura, é perpassado por intersecções, interdisciplinaridade e, em muitos momentos, pela sobreposição de áreas que lhes cruzem o caminho, pois os objetos tendem a se esvaziar ou serem sobrepostos por aportes teóricos e paradigmas de áreas com metodologias mais arraigadas e consolidadas, dito monotéticas. Fazer ciência na área da Comunicação é flertar com as áreas adjacentes e se manter com o cuidado constante para não se escapar do campo ou, ainda, acabar se enquadrando em metodologias específicas, que nem sempre abarcam a profundidade dos objetos, pelo senso de se manter fiel aos procedimentos comunicacionais.

Inicialmente, é preciso salientarmos que entendemos que metodologia, na pesquisa social, “se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa. Aqui, método é entendido como um conjunto de decisões e opções

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) - Código de Financiamento 001.

² Estudante do mestrado em Comunicação do PPGCOM/UFMA, bolsista CAPES, pesquisadora discente do grupo de pesquisa ObEEC (UFMA/CNPq). E-mail: denise.barcelos@discente.ufma.br

³ Doutora em Comunicação (PUC-RS), com Pós-Doutorado (ECA/USP). Professora do Curso de Comunicação da UFMA e Docente Permanente da Pós-Graduação de Comunicação (PPGCOM) e de Artes Cênicas (PPGAC) da UFMA. Coordenadora do grupo de pesquisa ObEEC (UFMA/CNPq). E-mail: larissa.leda@ufma.br

particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação” (Lopes, 2014, p. 94). Portanto, neste trabalho, deteremo-nos em aprofundar a discussão sobre o uso da metodologia proposta por Ginzburg (1989) e Courtine (2021) como uma alternativa de profundidade metodológica para os objetos da Comunicação que estão relacionados à área de Saúde, mais especificamente no campo da Alimentação.

Paradigma indiciário decifrando o corpo

Ao nos debruçarmos sobre a metodologia proposta por Carlo Ginzburg, em “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, que está contida, inicialmente, na obra “Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História” (1989), encontramos um caminho que tem suas raízes na história, mas que se fez da influência de Giovanni Morelli, um pintor e crítico de arte italiano do século XIX; Sigmund Freud, pais da psicanálise; e, Sherlock Holmes, o detetive criado por Sir Arthur Conan Doyle.

Em suas proposições, Ginzburg não delimitou um caminho fechado e específico de análise, pois debruçou-se na importância de que os sinais e indícios, deixados de lado em muitos tipos categóricos, são base para o entendimento de certos fenômenos históricos, culturais ou sociais. Ou seja, é a partir da análise minuciosa de fatos aparentemente marginais ou secundários, chamados de “sinais”, que o conhecimento sobre determinado objeto pode ser construído, pois “minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitem reconstituir trocas e transformações culturais” (Ginzburg, 1989, p. 177).

Dentro do seu campo de estudo, Ginzburg salienta que se a realidade se mostra opaca, em uma análise de objeto, é porque existem zonas privilegiadas – sinais e indícios – que permitem decifrá-la e alguns desses indícios mínimos podem ser assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: “a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (Ginzburg, 1989, p. 178).

O caminho proposto, portanto, recomenda em se dar atenção suficiente às singularidades empíricas do objeto e seu desenvolvimento teórico, em busca dos fenômenos não tão evidentes. Para tanto, ele distingue os indícios em os “essenciais”, aqueles que são a base da busca e norteadores do processo, e os “acidentais”, os que se mostram ao longo da busca sob o olhar atento do pesquisador, e, a partir das suas seleções e organizações, criar os tensionamentos e inferências, fazendo proposições de

dados gerais a partir das singularidades encontradas. Sendo assim, “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989, p. 152).

Salientamos, ainda, que no Paradigma Indiciário é preciso levar em consideração, ao se esmiuçar o objeto e se aprofundar nos seus detalhamentos e tensionamentos, o contexto em que ele se encontra, visto que um objeto funciona não somente sob uma única lógica ou ótica. Portanto, a construção e seleção dos indícios passa pela compreensão do que o objeto busca, pois um mesmo indício pode ser interpretado das mais diversas formas e transitar facilmente entre os essenciais e os acidentais.

Assim sendo, é auspicioso destacarmos que no Paradigma Indiciário

além desse trabalho de busca da pertinência entre pistas e os objetivos da pesquisa, devemos sublinhar também que os indícios não remetem, de modo direto, à realidade a ser capturada. É do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que se podem inferir lógicas, processos e estrutura que caracterizam o caso. Eventualmente alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais (Braga, 2008, p. 81)

Por fim, Ginzburg explicita que para exercer o papel de conhecedor ou diagnosticador de indícios é preciso ir muito além de se colocar na prática as regras preexistentes, é preciso o uso de elementos imponderáveis como o faro, o golpe de vista e a intuição, principalmente o uso da alta intuição.

Tendo-se um bom arcabouço teórico, aliado à perspicácia de análise e aprofundamento nos detalhes, que vão além do óbvio ou que já está posto por meio de categorias pré existentes, nas disciplinas humanas, o paradigma indiciário é um caminho que permite uma construção mais aprofundada. Portanto, é possível uma compreensão histórica e cultural a partir do que poderia ser visto como secundário, por meio dos detalhes.

Já, quando aprofundamos o Paradigma Indiciário sob a ótica de Jean-Jacques Courtine, no primeiro capítulo do seu livro “Decifrar o corpo – Pensar com Foucault” (2021), vemos que ele parte da semiologia, do contexto sócio cultural e das representações e informações que fazem parte do objeto analisado; levando em consideração os discursos, as imagens e suas interdependências, explorando, aprofundando e respaldando a metodologia primeira de Ginzburg em detrimento à semiologia de Saussure (1916).

Ao explorar as relações entre corpo, linguagem e imagem nos discursos, entrevistas e representações visuais, pensando nos contextos históricos e socioculturais, ele destaca que

no momento em que as ciências humanas são, mais do que nunca, conquistadas pelo formalismo quantitativo e pelas pretensões utilitaristas, os desafios da decifração do corpo voltam a conversar à parte humana de nossa existência sua densidade antropológica e sua profundidade histórica, a elucidar o que nos faz sujeitos (Courtine, 2021, p. 40).

Ao analisarmos um objeto que remeta à análise de discurso, a partir do caminho proposto por Ginzburg e Courtine, vemos que não se faz o uso somente da língua ou da linguagem, mas também de “indícios, de rastros do surgimento de um sentido imprevisto” (Courtine, 2021, p. 42).

É preciso ressaltarmos que toda imagem está inscrita em uma cultura visual, que se supõe sua existência junto ao indivíduo de uma memória visual, uma memória de imagens onde toda imagem ecoa, como define a genealogia da imagem. Ou seja, “não existe imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vistas ou simplesmente imaginada” (Courtine, 2021, p. 43).

Portanto, para analisarmos imagens e discursos é preciso referenciarmos os indícios, visto que eles podem perder sentido fora da genealogia dos indícios que atravessam e constituem o objeto, pois as imagens, em um contexto global, fazem parte de um paradoxo essencial dos objetos da cultura, que são proporcionais às suas refrações e uniformizações.

Para tanto, Courtine pondera que o objeto precisa ser bem definido e contextualizado e, a partir daí, a análise das imagens, do corpo, dos discursos deve ser realizada a partir dos indícios preponderantes e rastreáveis, por além da obviedade, pela observação dos detalhes.

Para a análise, a partir do aprofundamento de Courtine, destacamos que no discurso é preciso observar além das palavras, visto que o ato de falar incorpora, também, elementos indiciários como o tom de voz, a pausa, o ritmo. Sendo assim, nas imagens o que nos falam são as expressões faciais, postura, presença, credibilidade, escolhas minuciosas de sua construção, a sinceridade e impacto do discurso em si. Sendo assim, Courtine faz um detalhamento a mais das práticas propostas por Ginzburg, indo muito além das proposições pré determinadas nos estudos clássicos da Semiótica ou da Semiologia.

Posto isto, quando pensamos na defesa do Paradigma Indiciário feito por Courtine, compreendemos que

existiriam, pois, duas semiologias. Aquela imaginada por Saussure, fundada em sua concepção do signo linguístico, que nos situa no universo da desmaterializado e sistêmico do uso dos códigos e dos signos, com seus prolongamentos estruturalistas. E outra, de inscrição antropológico muito mais antiga, baseada no ajustamento de indícios depositados mais ou menos conscientemente ao longo dos conjuntos significantes; apoiada sobre práticas nas quais o elemento qualificativo, sendo que a parte subjetiva daquele que produz o indício como aquela de quem o detecta não saberiam ser eliminadas, nem mesmo reduzidas; práticas onde a intuição, a espiadela, o ‘faro’, constituem elementos essenciais... E, se for necessário escolher entre essas duas vias divergentes na análise e na interpretação das imagens, eu, naquilo que me concerne, já escolhi o meu campo: aquele de Sherlock Holmes, antes que o de Saussure (Courtine, 2021, p. 40).

Na medida em que Courtine faz uma leitura de Ginzburg, que fundamenta o caminho que propiciou a criação da sua intericonicidade das imagens, vemos a ênfase da leitura e interpretação de sinais como ponto crucial para a compreensão dos processos complexos que constituem o objeto. Ou seja, na metodologia proposta por Ginzburg e aprofundada por Courtine, a leitura cuidadosa dos sinais emerge como um caminho fundamental para acessar significados profundos. Essa abordagem se aplica especialmente à análise de objetos que remetem a fenômenos sociais e culturais diversos.

As expressões visuais e discursivas são compreendidas como sinais que carregam consigo sentidos culturais e identitários. Além disso, os sinais indiciários são valorizados como pistas cruciais tanto na investigação histórica quanto na análise de acontecimentos. A valorização desses sinais permite uma compreensão mais completa e aprofundada dos objetos de estudo.

A pesquisa em Comunicação e Saúde e os atravessamentos das áreas monotéticas da Alimentação

Pesquisar objetos da área de Saúde na Comunicação é desafiador para o pesquisador, pois ele pode acabar se aprofundando muito no campo da Comunicação em si e deixando passar pontos essenciais na sua análise, que requereriam mais conhecimento das ciências biológicas, bem como o contrário: esvaziar-se da sua área de origem e falar como pesquisador das áreas relacionais. Contudo, é possível, sim, a elaboração de um trabalho que consiga aliar o seu objetivo principal com os aspectos específicos da área que caminha junto do seu objeto, pois

o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora as teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E, ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado e construído, portanto, passível de mudança (Minayo, 2023, p. 12).

Para tanto, ao analisarmos objetos relacionados à Alimentação na Comunicação, é imperativo reconhecer que, mesmo diante da acurácia da Nutrição, Medicina ou Saúde Pública, a abordagem deve se pautar nos paradigmas científicos da Comunicação Social e seus “desdobramentos teóricos e metodológicos na abordagem de fenômenos da Cultura e da Comunicação de Massa” (Lopes, 2014, p. 51). A escolha metodológica, orientada por objetivos comunicacionais bem definidos e hipóteses elaboradas, é o que garante a pertinência da análise, evitando que ela se desvie para outras áreas.

Precisamos destacar, também, que o caminho metodológico escolhido pelo pesquisador, a partir de objetivos comunicacionais bem definidos, é o que o auxiliará na manutenção de uma análise que não escape para a Nutrição, Medicina ou Saúde Pública para manter a pertinência. São as hipóteses bem elaboradas que darão o enfoque na Comunicação.

As obras de Araújo e Cardoso (2007) e Spink (2004), por exemplo, corroboram com essa perspectiva ao demonstrar a natureza intrínseca e complexa da Comunicação nas práticas de Saúde e na construção da realidade social.

Araújo e Cardoso (2007), ao dizerem logo em sua Introdução, que Comunicação e Saúde são um espaço sociodiscursivo de natureza simbólica, permanentemente atualizada por contextos específicos, formados por teorias, modelos e metodologias, agentes, instituições, políticas, discursos, práticas, instâncias de formação, lutas e negociações, enfatizam que a Comunicação não é apenas uma transmissão de informações. É um processo social, cultural e político que permeia todas as dimensões da Saúde bem como o fazem Ginzburg e Courtine. Ou seja, constitui um processo social basilar na edificação de significados e na interação humana, configurando-se, desse modo, como uma dimensão intrínseca e indissociável das práticas em Saúde. Portanto, essa visão desafia modelos informativos unidirecionais, defendendo uma compreensão mais ampla dos contextos socioculturais e dos saberes dos atores envolvidos para uma comunicação eficaz em saúde.

Já Mary Jane Spink, em “Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano” (2004), oferece um arcabouço teórico robusto para essa busca por indícios, pois argumenta que a linguagem não é um mero reflexo da realidade, mas a ferramenta essencial pela qual ela é moldada e compreendida. A partir de suas proposições, compreendemos que “o social é construído na linguagem e por meio dela” (Spink, 2004, p. 19) e os sentidos são produto de negociações e interações contextuais. A análise dos repertórios discursivos, que são conjuntos de termos, metáforas e narrativas culturalmente disponíveis, permite identificar como um tema pode ser significado e as visões de mundo evocada. Essa abordagem se alinha com a proposta de Ginzburg e Courtine ao permitir desvendar as complexas relações entre o que é dito, como é dito e os efeitos de sentido produzidos.

A área da Saúde, embora não se enquadre estritamente nas ciências humanas ou sociais, é intrinsecamente ligada ao corpo humano e às pessoas, e, portanto, está inserida em contextos culturais, econômicos e ideológicos, tal como o campo da Comunicação. A alimentação, em particular, revela múltiplos pormenores que refletem interesses políticos, governamentais, e a influência da indústria alimentar e do agronegócio, transcendendo a dimensão puramente biológica da saúde.

A perspectiva de Foucault, ao abordar o biopoder em suas obras “História da sexualidade” (1976) e “Segurança, território, população” (1978), demonstra como o controle social se manifesta na gestão da vida, saúde e bem-estar das populações. Assim, analisar objetos comunicacionais sobre Alimentação implica buscar indícios para além do óbvio da literatura convencional, considerando os contextos e pormenores em cada elemento, desde palavras e imagens até cores e detalhes, a partir de uma acurácia investigativa do pesquisador.

Adicionalmente, Boltanski (1971) oferece uma perspectiva sociológica complementar, que investiga a profunda relação entre a estrutura de classes sociais e a percepção, vivência e uso do corpo. Ele argumenta que o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas um objeto socialmente construído e significado, com cada classe social desenvolvendo um *habitus* corporal específico que se manifesta em aspectos como postura, gestos, alimentação e cuidados com a saúde.

Especificamente sobre as escolhas alimentares, Boltanski (1971) reforça que não são apenas uma questão de gosto individual, mas refletem o capital cultural e econômico. Dietas, preocupações com o peso e a forma física são mais prevalentes em certas classes. Essa compreensão das técnicas corporais e de como as desigualdades sociais se reproduzem no corpo é fundamental para a análise de objetos da Comunicação e Alimentação; revelando as dimensões sociais e ideológicas para além dos aspectos biológicos, tensionando de forma complementar e afirmativa com as proposições metodológicas de Ginzburg e Courtine.

O trabalho de pesquisa na Comunicação, especialmente ao se relacionar com áreas monotéticas, que buscam confirmar uma proposição rigorosa e específica, envolve “desenvolver, tornar mais complexas, aprofundar, ajustar ou mesmo substituir as hipóteses de partida por outras, mais adequadas ao conjunto de indícios disponíveis, sistematicamente levantadas e articulados” (Braga, 2008, p. 84). Ginzburg e Courtine, cujas historicidades metodológicas se originam, em parte, de estudos e análises da Saúde, podem, de fato, enriquecer a pesquisa, principalmente quando relacionadas às proposições de pesquisadores consagrados na área de Comunicação e Saúde.

Comumente, na área da Comunicação, principalmente em Estudos de Caso, que muitas vezes são os que estão ligados à Alimentação, os caminhos mais utilizados e seguros são a Análise de Conteúdo (AC) ou a Análise de Discurso (AD), pois “a par de sua dupla condição, teórica e analítica, o Modelo Metodológico pode ser igualmente aplicado tanto a investigações já realizadas, que são discursos produzidos, quanto a investigações em ato, que são discurso em produção” (Lopes, 2012, p. 115). Portanto, salta-nos aos olhos que há a necessidade de expansão nas escolhas das metodologias utilizadas para compreender objetos complexos e ricos em pormenores.

Sob tais perspectivas, as pesquisas em Comunicação com foco em Alimentação podem se beneficiar significativamente das metodologias propostas por Ginzburg e Courtine, que se baseiam na análise de indícios. Ao examinar os pormenores da contextualização sociocultural e as teorias das ciências biológicas, é possível alcançar um aprofundamento e uma maior inter-relação entre as áreas, enriquecendo o objeto de estudo.

Análises de notícias sobre alimentação, por exemplo, quando feitas sob as lentes tradicionais da Análise de Conteúdo (AC) ou da Análise do Discurso (AD), geralmente

entregam as respostas esperadas, pois a escolha de metodologias convencionais e “rigidamente aparelhados de teorias irremovíveis também não promete grandes avanços de conhecimentos” (Braga, 2008, p. 82).

Para ir além, é preciso mergulhar em fatores como a linha editorial e ideológica do veículo; os contextos sociais, culturais e econômicos; e, até mesmo, as tensões históricas. Elementos como a escolha das palavras, o uso de adjetivos, a seleção de imagens, a disposição na página, as cores, as fontes consultadas, a publicidade nas margens e o que mais o pesquisador conseguir farejar nos pormenores, trazem uma abordagem significativamente mais profunda. Mesmo que a notícia aborde temas aparentemente objetivos, como hábitos alimentares saudáveis ou o papel de macronutrientes, a consideração desses elementos revela respostas mais complexas e elucidativas. Essa perspectiva nos leva a concluir que a interdisciplinaridade, quando aplicada com rigor e sensibilidade, é fundamental para o avanço do conhecimento teórico.

Entretanto, a utilização de metodologias que não possuem enquadramentos específicos e prontos, como o Paradigma Indiciário, pode expor o pesquisador a riscos de falseabilidades decorrentes de suas objeções ou da falta de arcabouço que sustente sua análise e tensionamentos, resultando em inferências inadequadas e no esvaziamento do objeto.

Há, ainda, o risco de o pesquisador adotar o Paradigma Indiciário na falsa expectativa de encontrar respostas que ele julgue serem as corretas para o seu objeto, particularmente em objetos comunicacionais que lidam diretamente com ideologias ou com o enfrentamento de instituições rígidas e consolidadas, como nos casos ligados à Alimentação. Trata-se, conforme o próprio Ginzburg destaca, “da inferência que Pierce chamou de ‘presuntiva’ ou ‘abdutiva’, distinguindo-a da abdução simples” (1989, p. 264). Corre-se, então, o risco da análise ser mais uma forma de controle do próprio discurso analisado e um dos pontos observados, também, por Courtine, caso não haja um entendimento do que se está analisando de fato.

Considerações finais

Concluimos, portanto, que a consolidação do uso da metodologia não convencional nos estudos da Comunicação, como a proposta por Ginzburg e Courtine, principalmente quando se adentra no campo da Saúde com foco em Alimentação, pode

ser um caminho que traga novas formas de pensar as teorias e os objetos escolhidos, principalmente quando pensamos em estudos de casos.

Cabe, assim, ao pesquisador ter maturidade e perspicácia ao escolher, dentro de um objeto bem recortado e com objetivos bem específicos, os indícios que serão analisados, desde o discursos, imagens, textos, até os pormenores escondidos em sua história. Entendemos, ainda, que por além dos caminhos convencionais, é possível se escutar o que o objeto mostra, por seus indícios e sinais, dando novas possibilidades ao campo da Comunicação, mas que essa escolha não se esvazie na falta de arcabouço teórico ou busca por resultados pré concebidos pelo próprio pesquisador.

Portanto, observamos que, quando bem articulada, a metodologia apresentada pode dar mais voz e novos caminhos aos objetos comunicacionais sem serem pospostos aos fundamentos teórico-metodológicos de áreas monotéticas como as da Saúde e da Alimentação.

Referências

ARAÚJO, I.; CARDOSO, J. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, v. 2, p. 73–87, abr. 2008.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Cortez, 2004

COURTINE, J.J. **Decifrar o copo: pensar com Foucault**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2021. 5ª ed.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber**. São Paulo/SP: Ed. Paz e Terra, 2014. 9ª ed.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. São Paulo/SP: Ed. Martins e Fontes, 2023. 2ª ed.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e histórias**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2014.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Prtrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2016.

SPINK, M. J. P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2004.